

## PATRIMÓNIO ARTÍSTICO, EPIFANIA DE DEUS

O tempo do natal e da epifania, que conclui liturgicamente no Baptismo do Senhor mas cujo espírito se prolonga até à festa da Apresentação do Senhor, a 2 de Fevereiro, ajuda-nos a compreender melhor a riqueza do significado da arte sacra. A fecundidade artística do catolicismo está realmente associada à importância que a nossa fé católica reconhece à Encarnação: “O Verbo fez-se carne e habitou no meio de nós e nós vimos a sua glória”. A Encarnação torna Deus visível na natureza humana de Jesus Cristo (“Nós vimos...”). O prefácio do Natal desenvolve esta mesma perspectiva: “Pelo mistério do Verbo Encarnado, nova luz da vossa glória brilhou sobre nós para que vendo a Deus com nossos olhos aprendamos a amar as coisas invisíveis”. No menino do presépio torna-se visível o Deus que nunca ninguém viu. A estrela que guia os Magos até ao presépio alarga o âmbito dos sinais visíveis de Deus ao universo. A harmonia do Cosmos, a realidade criada, é outro sinal visível de Deus: “Os céus proclamam a glória de Deus” (Sl 19,2).

Na mesma perspectiva, a arte sacra é criada com a finalidade de manifestar a glória de Deus. Assim, a Encarnação de Cristo, a beleza do mundo criado e a criação artística humana, apesar da imensa distância de cada uma destas realidades, têm em comum constituir um caminho para chegar à transcendência de Deus, à glória de Deus, como diz a liturgia. A Arte Sacra procura, na verdade, ser uma epifania de Deus. Cabe-nos a nós, cristãos mais empenhados nesta área, Comissões dos Bens Culturais ou Conselhos Económicos das paróquias, fazer da arte do património cultural religioso uma via sacra, um percurso de espiritualidade. Assim como realizamos a Via Sacra crucis e a Via Sacra lucis, podemos também aprender a fazer a “Via Sacra pulchritudinis através da conservação e correcta apresentação do património, das visitas orientadas com guias preparados, das exposições cuidadosamente organizadas neste sentido, etc.

Tendo em conta a sensibilidade das pessoas de hoje à beleza, o património artístico pode constituir um oportuno caminho de evangelização. Assim salvamos o significado original da arte que é o de procurar que ela seja um reflexo da glória da luz de Deus. De modo que ao contemplar as obras da arte sacra, nos preparemos interiormente para afirmar como o velho Simeão (ev. do dia 2 de Fevereiro): “Meus olhos viram a vossa salvação!”

Deus eclipsou-se do horizonte de muitos dos nossos contemporâneos. Viver sem Deus é como viver nas trevas, sem ver a luz do sol. “Como é possível que se negue a Deus, sol das inteligências, o direito de propor essa luz que dissipa todas as trevas?”, perguntou o papa Bento XVI na homilia em São Tiago de Compostela. Como tornar visível a glória de Deus, como fazer brilhar a Sua luz aos olhos dos nossos contemporâneos?

Podemos viver apesar da crise económica. Mas não podemos viver sem arte, dizia Dostoievsky: “A humanidade pode viver sem a ciência; pode viver sem pão mas sem arte já não poderia viver pois sem arte nada haveria a fazer no mundo”.

+ Manuel Pelino Domingues  
23 de Janeiro de 2011